



## **(RE)SIGNIFICAÇÃO DO AMOR E FELICIDADE: DOS CLÁSSICOS À ANSIEDADE DO MUNDO ATUAL**

*(Re)signification of love and happiness: from classics to modern day anxieties*

Claudio Noel de Toni Junior  
Universidade Estadual Paulista  
Email: junior\_toni@terra.com.br

### **RESUMO**

Por meio de leituras das obras de Simmel, de Eva Illouz e das pesquisas de Jardim e Moura, que vão além do que já existe, reescrevendo principalmente os clássicos citados como continuísmo de uma nova sociedade econômica dos dias de hoje, Jardim reescreve e interpreta de forma estrutural a definição de vivência social do amor com aspectos da vivência que trouxe as novas tecnologias de relacionamento, como redes sociais, dentre as quais destacam-se o Facebook e Tinder, dando continuidade ao que já existe e ampliando horizontes em uma sociedade que não é mais vista por Bourdieu, mas na qual existem ideias inovadoras em voga, como as relações entre gêneros, a relação do amor no mercado de matrimônio, de forma original, as escolhas de parceiros, os escolhidos e os rejeitados. Vivencia-se e nos chama a nos debruçar sobre a mudança social, que não é estática aos estudos clássicos. Corroboro com os avanços trazidos em uma abordagem de Toni Junior sobre Felicidade Humana, de forma subjetiva, qualitativa e quantitativa, sobre o que traz infelicidade nos sentimentos de vivência e pertencimento no mundo atual, dialogando com os estudos de Jardim e tendo como pressupostos os clássicos citados.

**Palavras-chave:** Amor, Felicidade, Sociologia da felicidade, Pertencimento, Vivências.

**ACEITO EM: 25/09/2024**

**PUBLICADO EM:30/10/2024**



## (RE)MEANING OF LOVE AND HAPPINESS: FROM THE CLASSICS TO ANXIETY OF THE CURRENT WORLD

*(Re)significação do amor e da felicidade: dos clássicos às angústias modernas*

Claudio Noel de Toni Junior  
Universidade Estadual Paulista  
Email: junior\_toni@terra.com.br

### ABSTRACT

Through readings of the works of Simmel, Eva Illouz and the researches of Jardim and Moura, which goes beyond what already exists, mainly rewriting the classics cited as a continuation of a new economic society, nowadays, Jardim rewrites and interprets in a structural way the definition of the social experience of love with aspects of experience that brought new relationship technologies such as social networks, which highlights Facebook and Tinder, continuing what already exists, expanding horizons in a society that is no longer seen by Bourdieu, but in which there are innovative ideas in vogue, such as gender relations, the relationship of love in the marriage market, in an original way, the choice of partners, the chosen and the rejected. It is experienced and calls us to focus on social change that is not static to classical studies. I corroborate with the advances brought about by Toni Junior's approach on Human Happiness, in a subjective, qualitative and quantitative way, which brings unhappiness in the feelings of living and belonging in the current world, dialoguing with Jardim's studies, having as presuppositions the cited classics.

**Keywords:** Love. Happiness. Sociology of happiness. Belonging, Experiences.

## INTRODUÇÃO

A relação de autores clássicos, como Pierre Bourdieu na obra “O Camponês e o Baile dos Solteiros”, a obra de Simmel sobre a relação do “eu” e “tu” e a busca pelo amor no mundo capitalista de Eva Illouz possui singularidades em cada estilo de ver as relações socioeconômicas e amorosas no mundo capitalista.

Eles possuem semelhanças sincréticas em muitos pontos, como a mudança no modo de ver o mundo dadas as mudanças do capitalismo, que trouxe novos “habitus” de vida ou impôs novas fórmulas de natureza individual ante a proteção patriarcal clássica rural do mundo rural e arcaico. Todavia, as mudanças de uma nova estrutura individualista, urbana, com novas tecnologias trouxeram uma mudança do sujeito perante o mundo, mas não trouxeram a afirmação de que estas mudanças (dos séculos XX e XXI) dão a certeza da felicidade, que o mundo urbano é melhor ou pior que o rural; são estilos de vida diferentes, onde há tensões em que as pessoas buscam de forma incansável o seu espaço na vida social, econômica, amorosa. O sujeito em cada período de tempo busca o amor, busca ser amado, tenta uma vez, tenta duas vezes... Mas não significa que irá atingir seu objetivo com as mudanças econômicas e tecnológicas (ILLOUZ, 2011; TONI JUNIOR, 2010;2013).

Os estudos de Jardim e Moura (2017), Jardim (2019) e Toni Junior (2019a, b) continuam a se debruçar, cada um com seu estilo, sobre a manutenção dos clássicos. No caso de Jardim (2019), observam-se as novas nuances de se entender o amor, pela continuação da mesma estrutura adotada pelos clássicos citados e pelas inovações que o mundo viveu e vive. O mundo não parou com o fim das escritas dos clássicos, logo, foi pertinente a autora escrever conforme se promoveu a mudança social, de gênero e econômica após os clássicos. Nesta nova ordem social de relacionamentos, pode-se citar: mercado de matrimônio, reprodução assistida e o amor entre pessoas do mesmo gênero.

Cita-se nesta questão a modernidade de redes sociais, como Facebook e Tinder, nos quais por meio de pesquisas de entrevista, a pesquisadora observa os estilos de perfil a ser buscado: um homem branco, forte, bem higienizado, com boa aparência e mulheres magras, cada qual com seu perfil individual. Se percebe a escolha do que se quer; as exigências de querer um homem bonito, branco e rico, por exemplo. O amor deixa de ser platônico e passa a ser uma construção social de exigências e gostos dos mais variados, porém seguindo um padrão, uma estrutura socioeconômica racional na maioria, por exemplo: mulheres com mais escolaridade, na maioria, preferem homens mais escolarizados e com situação financeira e de trabalho bem definidas (JARDIM E MOURA, 2017).

Os estudos de Toni Junior, um economista e sociólogo, sobre a felicidade humana e bem-estar social, dialogam cada um à sua estrutura metodológica e biográfica com um tema comum. A busca pelo amor e pela felicidade não se dissocia, embora haja tensões. As pessoas estão sempre em busca do melhor para si, procurando ser felizes, por exemplo, em um Tinder de homens veganos; ou se não conseguem em uma rede social convencional, existe o “Tinder para feio”, autoajuda, empresas de matrimônio que auxiliam na busca pela pessoa desejada, bem como a procura de pessoas com um bom emprego, além de outros caminhos, como ser pai ou mãe solteiro(a), por meio de novas técnicas de reprodução assistida. Procuram se relacionar sem se prostituir de forma moral e ética; as pessoas, conforme mudam a estrutura de vivência e pertencimento de sua época, estão sempre, à sua maneira, em busca de suas felicidades. No fim as pessoas sempre esperam que tudo esteja bem, mesmo em meio a tensões e lutas diárias; ser feliz é um estado de vida, hoje, que se modifica ao longo da trajetória de vida do indivíduo, amor e felicidade são a busca de todos os agentes em convivência social (JARDIM; MOURA, 2017; JARDIM, 2019).

## 1 RELAÇÕES SOCIAIS E AFETIVAS DO “BAILE DOS SOLTEIROS” E O CAMPONÊS

“O Baile dos Solteiros” de Pierre Bourdieu, nos anos 60, um clássico de questionamentos de estilos de vida, elegante e delicado, é uma etnografia prática de vivências e de como se relacionavam as pessoas por meio da crise da sociedade camponesa nos anos 60.

Realça a distância social, em relação ao “habitus” do camponês no decorrer da vida, por simbolismos etnográficos, reprodução camponesa versus vida da cidade. Percebe-se que há diferença entre viver na cidade e no campo por uma série de signos: moda, estilo de vida, percepção de felicidade ou infelicidade com a vida.

Em relação à defasagem, o mundo rural camponês é algo estranho à sociedade burguesa, porém toda sociedade, seja ela urbana ou burguesa, possui sua história e suas memórias, contaminadas com a nova cultura urbana, econômica e cultural.

Quanto à defasagem da cultura do campo no mercado de casamento, percebe-se que no sul da França as construções civis e matrimoniais são baseadas na primogenitura, na qual o filho mais velho fica no campo para dar continuidade aos negócios da família e as mulheres recebem um dote e se deslocam para as cidades, como Paris. Vê-se um amálgama de diferenças de estilos de vida entre mulheres que viviam no campo, as mulheres da cidade e os homens camponeses que ficavam na terra.

As mulheres se deslocavam para as cidades para trabalhar como faxineiras, babás, cozinheiras, e começavam a ter convivência com o meio urbano da cidade parisiense e outras cidades francesas. Na casa dos 20 anos, também trabalhavam e estudavam no ensino normal, o antigo magistério no Brasil, para serem professoras. Os homens mais velhos ficavam no campo. “Velhos” significava, naquela época, homens primogênitos de 35 anos ou pouco mais, e os mais novos possuíam maior liberdade de sair para a cidade (BOURDIEU, 2004; 2011).

O dote, em razão do decadente mercado rural, possuía um valor menor do que em décadas passadas, o que não gerava interesse por outros homens camponeses. O jovem Bourdieu faz uma pesquisa empírica para saber por que estes fatos ocorriam, sobre o casamento, por meio de entrevistas em bailes de fins de semana. O mais famoso é o baile de 24 de dezembro, além de conversas do cotidiano, e também fatos contados por outras pessoas que chegavam a ele, como as falas da mãe de um dado povoado.

Os bailes da cidade de Berné, região rústica da França, como se fosse o sertão do Brasil, possuíam modos de vida e estilos de vida diferentes. No baile, os homens acima de 35 anos ficavam com suas roupas camponesas, bebendo, fumando, sozinhos entre si, em um choque entre o mundo da cidade e o rural. As mulheres com maquiagens, decotes, perfumes, trejeitos e “habitus” do corpo, as músicas do campo já eram da cidade, modernas, mostrando a penetração da cultura urbana no baile campestre. Eles iam aos bailes para ver, beber, fumar entre pares, junto a outros homens semelhantes da sua estirpe. Os jovens não dançavam, se sentiam constrangidos, embora contentes, não sabiam como se comportar, ficavam rindo para seus colegas quando abordados; normalmente eram pessoas que cresceram juntos, mas hoje possuíam estilos de vidas diferentes, todos com idade de se casarem (BOURDIEU, 2004; 2011).

A felicidade humana que está associada, na forma de simbologia, à obra de Bourdieu traz consigo aspectos objetivos e subjetivos. Não é fácil estudar, mediar ou qualificar os atributos que trazem felicidade e infelicidade humana; muitas pessoas abastadas financeiramente, com uma conta bancária de milhões de euros, com um casamento de aparências, ou verdadeiro à luz da sociedade, ou simplesmente um casamento que realmente apresenta felicidade, como casamentos de mais de 50 anos, com bodas de ouro, podem trazer uma felicidade aparente.

No campo, no “Baile dos solteiros” de Bourdieu, narra-se a vida de nostalgia. Após seus 35 anos sem conseguir um matrimônio, o sujeito se torna-se decepcionado e infeliz, porém há discordâncias; muitos homens solteiros podem ser felizes solteiros e morrerem solteiros em sua boemia, satisfazendo suas necessidades amorosas e sexuais em casas de prostituição. O fato de não se casarem não traz a felicidade ou infelicidade exata, pronta e acabada, pois ela é subjetiva e depende do íntimo de cada ser humano, de cada homem solteiro que participou, na região de Berné, destes bailes. Muitos não são infelizes, porém muitos o são, e morrem infelizes (BOURDIEU, 2004; 2011).

Um solteiro pode ser feliz por ter outros atributos, como ser o chefe da família, ter o comando das fazendas deixadas por seus pais, ser da elite, viver longe das grandes cidades com áreas verdes; tudo isso pode trazer ao sujeito felicidade e bem-estar, mesmo sem seguir os padrões da cidade; estar em uma casa onde ele é dono de si, de sua vida, podendo fazer de sua vida, de sua intimidade, o que um homem casado normalmente não faria naquele período, como sair à noite para paquerar ou pagar para ter sexo, não sendo necessária a construção de uma família tradicional pelo casamento, podendo inclusive ter filhos, deixar sua herança para seus filhos, sem haver o matrimônio tradicional, embora este fato Bourdieu pouco discuta em sua obra.

As mulheres que se deslocavam para as grandes cidades podiam ter “habitus” diferentes do rural; podiam estudar e trabalhar em atividades que não se observavam nas fazendas. Porém, as mulheres, por terem determinado privilégio de morar nas cidades grandes, das quais Bourdieu cita Paris, não tinham o pré-requisito de felicidade plena. Elas podiam sim conseguir um bom casamento; muitas poderiam sentir a nostalgia e a vontade de voltar às origens do rural, e muitas gostariam de serem pedidas em casamento pelos seus ex-vizinhos, podendo haver amor entre culturas diferentes, caso a caso, conforme a individualidade de cada homem e de cada mulher, como se vê nos dias atuais.

Porém, na obra de Bourdieu, há um desconforto para o homem camponês, de forma sincrética. Ele já sabe que não se sente digno desta mulher mais cortejante e elegante, surgindo os falatórios, as ex-vizinhas que fazem isso para animá-los, os solteiros se comportando até certo horário sem falar muito, com jovens inacessíveis para eles, devido a comportamentos diferentes construídos no decorrer do espaço e do tempo (BOURDIEU, 2004; JARDIM 2019; TONI JUNIOR 2019a, b).

No final do baile, se juntam ao som de músicas da época, do estilo camponês, sem serem correspondidos; logo, lhes resta ir embora e cantarem juntos, solitários, e o que importa é a bebedeira, e as canções até perder o fôlego; enquanto no baile se canta “tchã-tchã-tchã”, mais tarde voltam para suas fazendas, terminando o baile do dia 24 de dezembro.

Estes homens se sentem inferiorizados e acabam sozinhos e solteiros, visto que “isso não é para mim”, pela razão do senso de lugar, e acabam solteiros; as mulheres, ex-camponesas, se casam com homens da cidade, diferentemente dos tempos de outrora. Estes homens camponeses ficam sozinhos; suas fazendas, ao falecer, ficam para o Estado; na maioria, as mulheres possuem uma vida matrimonial, pois preferem homens de seu estilo de vida, mais modernos e menos rústicos, e o campo é incorporado pela cidade.

Bourdieu menciona a ação estruturada de “habitus”, que possui sua satisfação em declinar da zona de conforto existente, do empírico para o conceito por meio da Sociologia reflexiva e relacional, ao possuir suas estruturas e limites de padrão de conhecimentos.

O “habitus” visa Educação, diálogo, e possui sua etnografia nos anos de 1960 na Argélia, por exemplo, na obra do “Baile dos Solteiros”, através de observação participante e da sócio análise do pesquisador. Realça um desencantamento do mundo sobre a Argélia, na região de Berné, onde nasceu, e o livro “Miséria do Mundo”.

Pode-se entender, em uma observação participante nas redes sociais como Facebook e Instagram, forte tendência ao simbólico e ao cognitivo dentro das mentes, que não se limita ao Estruturalismo por meio de atos individuais e coletivos nas categorias sociais e de classe, mas dialoga com os “habitus” sociais que se modificam ao longo dos tempos, de maneira qualitativa e quantitativa. Podemos citar como métodos qualitativos em Bourdieu a análise do Discurso e de conteúdo ou, por exemplo, o diálogo com a literatura (discurso) e conteúdos que ajudam a entender as nuances das cognições da sociogênese.

História cognitiva, para Bourdieu, não é matéria; existe a distinção de práticas e razões, por meio de práticas como denegação, intolerância, violência simbólica, introduzida como complemento e aprimoramento da obra por Jardim, que introduz o amor por meio de Bourdieu através da originalidade (JARDIM; MOURA 2017).

## **2 NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO SOCIAL NO CAPITALISMO: “HABITUS” E PERTENCIMENTO**

Em 1972, o pesquisador elabora seus pontos fortes para o desenvolvimento de uma teoria, por meio de um termo advindo da psicologia social em 1959, que relaciona a ideia de inconsciente explicitada na obra “A Dominação Masculina” por meio de prática em forma de gênero.

Bourdieu reivindica que a Psicanálise e a Sociologia deveriam se unir, visto que pode haver diálogo construtivo para o entendimento de questões sociais como o amor e a tragédia, além dos conceitos mais conhecidos: “habitus”, libido, aproximação, “doxa”, sublimação, violência simbólica, complementando os estudos de Bourdieu com aprimoração técnica em seu tempo, nas narrativas de suas experiências em estudos de amor, relacionamentos por redes sociais, mercado econômico do amor, o amor como mercadoria, a venda do amor e relações de gêneros não apenas heteronormativas. Logo, Jardim amplia o que já existe em Bourdieu, haja vista que o primeiro não vive este tempo o qual a autora constrói, fornecendo continuidade à obra de Bourdieu no século XXI.

O diálogo construtivo de Bourdieu entre aspectos sociais e psicológicos nos traz indagações sobre a dominação masculina frente ao feminino. Os homens podem ter filhos com mais idade, enquanto para a mulher, após os 40 anos, é arriscado, ou há chances menores de ter filhos por vias naturais biológicas, muitas vezes necessitando congelar seus óvulos. Este advento está na sociedade do século XXI, que basicamente impõe um modelo, ou uma preferência do sujeito, muitas vezes de natureza social, de primeiro estudar, trabalhar, terminar um curso de Doutorado, para depois se casar e ter filhos.

Em análise de países, pode se encontrar na Europa a baixa taxa de natalidade, em países como Portugal e Alemanha, e no Brasil, é um modo de vida de mulheres mais abastadas financeiramente; inclusive, raramente uma mulher de classe baixa, a que ganha o salário mínimo, consegue congelar seus óvulos.

Muitas mulheres de classe mais baixa socioeconomicamente possuem maior satisfação com a vida, ao terem um menor grau de escolaridade, e um casamento com idade mais tenra, do que mulheres mais abastadas que planejam ter filhos e se casar após os 35 ou 40 anos. São modos de vida diferentes que trazem ou não felicidade para cada estilo de vida planejado, seja ele imposto pela sociedade ou realizado de forma individual. Em pleno século XXI, muitas mulheres seguem padrões do que a sociedade impõe como corretos e incorporam a vertente dominante do outro sobre si, quando sua vontade é outra, ou o fazem por imposição familiar (BOURDIEU, 2003).

A dominação masculina ocorre quando o masculino se sobressai sobre aspectos femininos em determinadas variáveis, por exemplo: a mulher não necessita mais do homem para ter filhos; a mulher, mesmo que de forma vagarosa, tem conseguido seu espaço em atividades antes totalmente masculinas, como caminhoneiras, policiais, CEOs de grandes multinacionais. A dominação existe para determinados sujeitos, e as mulheres do século XXI tem conseguido seus direitos e sua inserção, todavia de forma desigual, ao redor do mundo.

O cunho religioso pode determinar a dominação masculina, de modo que a mulher, ao ser perguntada se quer maior liberdade em seu íntimo, em países de religião muçulmana, pode se sentir melhor protegida e feliz da forma como vive, enquanto outras não. Tem-se que respeitar as escolhas e formas de vida e não impor a quebra de uma dominação quando as pessoas não veem aquele estado de vivência como dominador, e sim como acolhedor. A felicidade é subjetiva para cada ser, e complexa quando se adentra, por exemplo, nas vivências sociais da religiosidade no decorrer dos anos até os dias atuais.

O conceito de hábito foi construído empiricamente na Argélia, na qual fora Bourdieu soldado na faixa dos 30 anos, realçando a dominação da cultura argelina pela francesa, em explícita defasagem cultural e abnegação da desordem de estruturas, com a troca da moeda para o franco, favorecendo a economia francesa, e a cultura do Kabile, onde se vê suas vertentes, a natureza e o poder.

A Argélia era uma nação que cultuava e estava preocupada com conceitos etnográficos de natureza e religião, enquanto a metrópole pensava em poder econômico, dominação e extração da riqueza para seu território, para depois revender e se apropriar dos lucros que nunca foram seus. Isso ocorre pelo “habitus” do inconsciente, “entra por um ouvido e sai pelo outro”. O inconsciente está na mente e no corpo. A Sociologia da Saúde mostra como se produzem os “habitus”, o auto controle das emoções e por que forjamos os hábitos, seja pela raça, pelas classes sociais, orientação sexual, gênero ou conjuntura política, que nunca se esquece. Realça novas e modernas técnicas de socialização através de mudança na estrutura por meio da Educação, por exemplo, onde os professores se tornam comunicadores ao ministrarem aulas remotas devido ao fenômeno da pandemia; trata-se de eventos externos, conjuntura, evento (BOURDIEU, 2003; 2004).

Outras questões são: quais são os elementos que podem fazer com que uma pessoa tenha uma vida não promissora ou fracassada, ou uma vida de satisfação com seu bem estar afetivo e amoroso? São estruturas de uma conjuntura do evento de um trauma psicológico ou de uma satisfação com a vida. O fator econômico, embora seja importante, como nos estudos de Marx, não é estruturante, sendo a Economia parte dos bens simbólicos no mundo liberal, material e nos aspectos de políticas públicas inclusivas e necessárias ao bem estar de uma dada sociedade; logo, Bourdieu diferencia-se de Marx ao ter em seu escopo de pesquisa outras variáveis que não é apenas o econômico.

Percebe-se, observando o empírico, que o simbólico é estruturante e as bases de Marx vão até um determinado limite; outra citação é que a moeda de consumo na Argélia possuía poder de compra diferente da moeda francesa da época, devido à existência, naquele país empobrecido, de uma economia simbólica com seus “habitus” dominantes do Império, que por sua vez possui “habitus” distintos daqueles do dominado.

A obra de Marx percorre um determinado limite, pois a felicidade humana não é representada unicamente pelos bens materiais que o homem pode comprar com a mais valia, podendo com isso mostrar uma felicidade à sociedade exterior e não interior, uma felicidade construída para agradar um determinado segmento da sociedade.

O “habitus” construído pela biografia e pela aplicabilidade da vivência deste agente em sociedade distingue dois aspectos: aparência e essência. Na aparência, a biografia é um recorte estatístico da pessoa em um determinado período. Para que se possa verificar a essência de vida tanto de agentes públicos como dos de vida cotidiana, temos que ir além, através do autoconhecimento de suas vivências sociais, estar junto do agente e ver

situações de sua intimidade e privacidade. Analisar uma biografia é importante para uma análise parcial, mas não subjetiva, para dizer se a história de vida da pessoa lhe trouxe bem-estar e felicidade por meio de seus atos.

Pode ser citado o exemplo de ministros de governos e da ex-presidente Dilma Rousseff. Sua biografia lhe traz satisfação com a vida após seu impeachment? Uma análise mais profunda teria que ir além da biografia. Como exemplo cito a expectativa futura da ex-presidente em não ter sido culpada de nenhum atributo negativo que lhe foi designado e uma esperança de voltar a governar um determinado território no futuro, trazendo esperança na essência e bem-estar, bem como pode-se dizer que o impeachment pode ter sido uma libertação daquilo que a aprisionava, e que este fato, naquela situação em especial, de ter saído daquele estado emocional, lhe trouxe felicidade; porém apenas um minucioso estudo pode trazer uma resposta, e nem sempre as entrevistas de agentes traduzem o que se passa consigo em seu íntimo, se está falando para ameigar segmentos ou se reflete seu âmago (JARDIM, 2019).

Para que se possa analisar “habitus” de uma dada cultura, seja em qualquer peça a estudar, por exemplo, na política, se estuda a biografia, a trajetória de vida, além da formação política de Instituições de países e de pessoas de relevância. Temos como exemplo o estudo dos ex-ministros da Economia dos governos Fernando Henrique, Lula, Dilma e Temer; ao quebrar a dicotomia da teoria da agência e sim da prática, incorpora a sociedade em si, seus “habitus”, sua história e a identificação que um povo, uma sociedade, ao ver a biografia de um determinado político, aceita ou rejeita; são, portanto, opções de escolha ao ver suas biografias na urnas em época de eleição, na aceitação política em determinada conjuntura econômica, que reflete no social. Logo, a biografia, conhecer o passado do agente, onde estudou, quais seus cargos anteriores e sua postura política ajuda na aceitação ou rejeição dos agentes.

A estrutura simbólica de sua relação emocional com a intuição do hábito social se diferencia da biografia, do estilo de vida e de sua história, a qual o pesquisador teria que ir no cerne de sua vida desde seu nascimento, por exemplo, para conhecer. A biografia retrata um escopo apenas daquilo que é necessário para um determinado assunto, a saber, a formação política e seus projetos nesta temática em específico.

A Sociologia reflexiva relacional de tensão é explicada por hábitos no corpo e na vida; o corpo fala sobre o simbólico, sobre a noção de hábitos cognitivos e práticas na vida, ao receber e devolver para a sociedade um atributo, também por instituições paralelas como Ongs e grupos de pesquisas com temas pertinentes. A problemática da vida social como disposição é uma sensibilidade emocional que pode não ser expressada por não conseguir espaço na conjuntura a qual se designa de predisposição, sendo que a posição se relaciona com o contexto da dominação, o agente na tomada de posição, as escolhas na luta de classes sociais e a tomada de posição, que é a ação, que nada mais é que a prática.

A trajetória do “habitus” como ação e conjuntura é uma possibilidade, dentro dos campos possíveis de realização, devido às incertezas da ação, que pode ser efetiva ou não, conforme as relações sociais, um amálgama de possibilidades que podem ser orquestradas, que podem ou não dialogar umas com as outras. Devido à incerteza de ação, a pré-disposição, a vontade de agir e a posição podem, neste intervalo, ter lacunas que podem impedir a realização de ação social, bem como pode não haver empecilhos, podendo sim dialogar e concretizar seus desígnios pela trajetória e pela heterogeneidade dos eventos de conjuntura no tempo do dominante e do dominado.

O “habitus” insere o corpo como fenômeno biológico, como na prostituição ou na maternidade; está ligado a raça, tempo, espaço, lugar, geração, um agente para o mundo, moeda, estilo; observa o corpo vivo representado por movimentos como nos sotaques de regiões diferentes, (campo e cidade; rural e urbano), objetiva como o sujeito se expressa e se insere no contexto das relações de forma complexa, conflituosa, através de sentimentos de emoção, razão, dor, sofrimento, felicidade, amizade; censura e sublima suas sensações no cerne das relações sociais, visto que os agentes são de carne e sangue, veias, de amor à flor da pele nas lutas de classes dos agentes sociais e econômicos.

A trajetória não faz parte da análise de Bourdieu diretamente, todavia, o “habitus” se inicia pela trajetória para se entender; logo, Weber entende, Bourdieu objetiva usar a psicologia positiva, assim como Comte.

Objetiva a trajetória, porém depois a explica; exemplos são: como criar políticas públicas pela transformação, não se atendo a conceitos e sim à biografia para se compreender os “habitus” que viraram políticas públicas por meio da delimitação do espaço, que são as variáveis necessárias para um determinado objeto. Já o “habitus” crivado é a combinação após escolhas de clivagem pessoal ou de conjuntura que traz consigo mudanças;

se espera algo, porém se tem outro, alguém do que se esperava ter, diverso de sua origem; escolher novos objetos, fazer novas escolhas.

A criação de políticas públicas quando o agente olha para a sociedade como um todo, ao trazer saúde, educação, habitação, emprego, dignidade humana e sustentabilidade ambiental de qualidade, pode fazer o agente feliz; se espera que uma pessoa que tenha aspectos socioambientais seja feliz. Porém, como mencionado, há complexidade em mensurar ou dizer que as pessoas são felizes por ter determinados bens objetivos e subjetivos, analisar e mensurar sentimentos, visto que cada ser humano é único e a aparência nem sempre representa a essência do agente.

Logo, o “habitus” e a felicidade podem conjugar em simbologia e se configurar como agentes de bem-estar quando no simbolismo os “habitus” de uma pessoa, independentemente de qualquer variável social e econômica, lhe tragam satisfação com a vida. Também pode-se destacar que felicidade e “habitus” não são estáticos e podem se modificar a longo dos tempos. O “habitus” de hoje que traz felicidade pode não ser mais atrativo no decorrer dos anos, quando o agente adquire novos “habitus” e busca a felicidade, que é dinâmica ao longo do espaço e do tempo, por meio de sua essência (JARDIM; MOURA, 2017;2019).

### **3 A BUSCA PELO AMOR E FELICIDADE NAS RELAÇÕES CONTEMPORÂNEAS**

Eva Illouz, em “Amor em tempos de capitalismo”, por meio da teoria crítica e da Sociologia Econômica, busca entender o capitalismo, no qual o amor é líquido e não precisa mais do social para existir, por meio de uma cultura afetiva especializada, individualizada, capitalista, a partir dos sites de relacionamentos, livros de autoajuda, com variáveis de que a vida afetiva está enraizada no econômico; cita o surgimento da racionalização de Freud sobre como se olhar pelo “eu” através da racionalidade pelo amor desregulamentado pelo social, além da psicologia positivista de custo-benefício, trazendo a racionalização das emoções, a supervalorização do “eu” pensante e uma redução da importância dos afetos e emoções.

Outra variável é a revolução de gênero e sexual, que acarretou a alteração dos valores. As mulheres passaram a ser as principais demandas da psicoterapia; tendo relação com estas teorias, a autonomia gerada pelo feminismo pode trazer maior liberdade, porém traz consigo mais problemas, por agora poderem escolher seu parceiro, que pode dar certo ou não, gerando conflitos com outros autores. Ganham mais liberdade, porém agora devem cuidar de suas vidas afetivas, ser boas mães, ter possibilidades de inserção no mercado de trabalho, têm maior liberdade com seu parceiro de igual para igual e são menos submissas.

A individualidade é o “eu” como supremo, o que causa rupturas entre os quadros como a família, pois agora são responsáveis pelo seu sucesso ou fracasso nos séculos XX e XXI; o indivíduo se torna desamparado com a quebra dos casamentos como proteção. As mulheres antes tinham poucas escolhas, como por exemplo, se transformarem em freiras ou se casarem pela proteção da família e dos pais.

Há uma crise do matrimônio tradicional em convergência com a mudança do capitalismo, de forma individual, cada um para si, gerando novas formas de sofrimento, como depressão, fracasso, não saber lidar com suas vidas pessoais, transtornos alimentares, entre outras doenças que vemos hoje. Para o homem há um mercado livre e aberto de sexo e casamento, várias possibilidades de escolhas, mesmo com idade mais avançada, diferentemente das mulheres.

Sai de cena o amor romântico para entrarmos no ambiente da paixão, da igualdade e da autoafirmação, se configurando o amor platônico. Hoje há apenas a paixão e o amor físico, trazendo sofrimento principalmente às mulheres em detrimento dos homens; hoje eu amo e depois me caso, desamparado por Instituições como o casamento tradicional.

O preço a se pagar pela liberdade pode ser a loucura, a depressão e a solidão; a paixão pode não se transformar em amor, a nostalgia de poder escolher, mas com a possibilidade de não ter sucesso no amor, na vida pessoal do trabalho e nas relações sociais como um todo, gera a incerteza. Qual dos dois modos de viver o amor é melhor, com liberdade ou com a proteção arcaica dos pais?

Os sites de relacionamento nos anos 70 trazem muita desigualdade às mulheres pelo tempo chamado de relógio biológico, podendo não conseguir seus objetos amorosos para ter filhos, uma família, diferentemente dos homens, que podem ser pais com idades mais elevadas, embora hoje se tenha a reprodução assistida, ainda que haja



uma luta de classes de forma que apenas as classes mais abastadas podem ter sucesso em uma inseminação artificial devido à sua renda.

O novo feminismo, pela Revolução feminina, por meio da Psicologia positiva e da autoajuda, pode trazer às mulheres respostas para suas indagações como sujeitos da construção social e racional, ao olhar para suas escolhas, tendo a opção, e talvez somente esta, de ser forte, pois a vida não é fácil para ninguém, devido à competição no campo do trabalho, das escolhas afetivas, o que também é um jogo. Se há um homem e duas mulheres interessadas nele, uma ficará sem ele e terá que buscar outras possibilidades, o que em um primeiro momento pode gerar frustração e tristeza; porém, a sociedade nos exige que sejamos fortes sempre, e isso não é possível para ninguém, inclusive para os homens (ILLOUZ, 2011).

Em Simmel, entre o “eu” e o “tu” se produz o primeiro de seus conflitos e a primeira de suas unificações, uma Sociologia de tensão, conflito e unificação, por meio do livro a “Filosofia do Amor”. Não possui correlação com o psicologismo, é inspirado por Kant, assim como por Weber, e as formas do entendimento e conteúdo das experiências dialogam com estes temas por meio da Sociologia da época, que busca para Simmel, bem como para Kant, a estruturação. Simmel menciona inter-relações entre “eu” e “tu”: forma, estrutura, conteúdo e ação. Uma forma pode se transformar em conteúdo e vice-versa. A forma é como se manipula e se inter-relaciona com a língua; os conteúdos são mais suscetíveis a mudanças, com formas fixas; cito o exemplo da reforma ortográfica brasileira. Forma é fixo, conteúdo se modifica com o espaço e com o tempo (SIMMEL, 1993).

As oposições de formas e conteúdos são de conflito, que se transforma em análise analítica relacional, formada pelo conjunto de inter-relações específicas entre subjetividades; logo, entre o “eu” e o “tu” se forma um terceiro objeto, a relação amorosa.

Não se interessa pelo amor platônico, pelo amor individual, visto também que a integração se faz por oposições, constantes e necessárias para a formação do conflito; o universo necessita do amor e do ódio para se transformar no conjunto de relações amorosas, como tensão, jogo, competição, poder econômico etc.

Toda relação é inter, nunca individual, “eu” e “tu” pelo menos. Pela integração perfeita, a forma de conflito das relações dos sujeitos forma a associação, a estrutura e a ação por meio de tragédias, conflitos, se inter-relaciona o amor; seu público é feminino, por muitos interesses de natureza feminista da época. Trata-se de uma tentativa de superar o altruísmo, o platonismo do amor; não interessa o amor em si mesmo e sim o amor em associação. O objeto de estudo é o conjunto de conflitos e unidades que existe em uma relação de amor, entre pessoas, “eu” e “tu” e a sociedade que está em torno dos pares. O amor existe independente do sujeito, em uma determinada ação, onde começa o sujeito e onde começa o objetivo. São análises de relações complexas nas relações amorosas entre forma e conteúdo da relação amorosa, podendo ser de múltiplos gêneros, por exemplo: o amor é a forma; a forma de amar, seja heterossexual, homossexual, é o conteúdo das gerações no tempo.

Categoria é a ideia de conceito que pode existir no amor que deve ser explicado por relacionamentos como fenômeno sociológico de forma empírica, parte da associação. A abordagem do amor é o abandono da práxis do século XIX e XX, criticando a teoria platônica filosófica, que termina com a relação com *tu*, por meio da diversidade da categoria de relação e diversidade de relações. Em outros tipos de amor, como amor pela natureza, amor por pessoas, como por jogadores de futebol, há apenas um sujeito, “eu amo X”; não se encaixa na obra ideal de amor, pois não há reciprocidade. Não basta amar uma pessoa, deve haver uma relação afetiva com o outro, seja correspondida ou não. Se não, o “tu” deve saber da existência do amor e o renegar, gerando um conflito, diferentemente do amor solitário pelas coisas e pessoas.

O amor é trágico, dadas as tensões de abrir mão da individualidade, da vida das pessoas, da personalidade, da unicidade. Por exemplo, o medo de ser amado, de abrir mão da vida privada para ter convívio com o outro, compartilhar com o outro sua vida e seu íntimo, podendo ser rejeitado, gerando tragédias de desafeto, ou não ser amado, ser traído, ser infeliz.

O sujeito cria e decide seu amor, e onde deposita seu amor, pela integralidade de escolha, na qual, se houver reciprocidade, se exige o fenômeno sociológico. É trágico e muitas vezes infeliz entre sujeito e criatura; do sujeito que cria o interesse por alguém, que busca a reciprocidade, a unidade, a inter-relação caso seja correspondido, senão não há elemento sociológico. Outra questão são as relações que começam bem, porém existe a traição, a separação, os conflitos, tendo em si a relação social infeliz, muitas vezes trágica, como o feminicídio dos dias atuais, não deixando de ser uma análise sociológica, porém trágica. De outro lado pode haver a relação de

amor correspondido e de felicidade. Embora os estudos na maioria sejam da tragédia, não podemos esquecer que o amor pode trazer objetos positivos para o par e para as pessoas em seu entorno.

Quando há o divórcio, existe uma nova forma de relação e a busca constante do fluxo da vida de novas relações entre o “eu” e o “tu”, vivenciando agora o presente, uma nova relação social. Cada relação é um mercado social, como o mercado de casamento, do “eu” e “tu”, que instiga as pessoas a não ficarem sozinhas. Por *glamour* ou para agradar uma sociedade, as pessoas estão sempre em busca de uma relação entre o “eu” e o “tu” (SIMMEL, 1993).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociologia Econômica, ao dialogar com autores clássicos como Eva Illouz, Pierre Bourdieu, Simmel e Jardim, nos mostrou que a busca pela felicidade não se distancia do individualismo que trouxe o “olhar para mim” de forma contemporânea, onde tudo se pode comprar ou barganhar.

Porém, a busca pelo amor, no campo, na cidade, por meio da razão, da emoção, do sentir e dos afetos, pelos sentimentos psicossociais, nunca deixou a Revolução e a mudança do tempo e no espaço, mesmo que tenha havido mudanças de valores sociais e comportamentais. Seja qual for a forma de vida cotidiana no século XXI ou nos séculos anteriores, ela traz uma reflexão única: a busca pela felicidade, a tentativa de ser feliz, seja qual for a forma de cada um. Vê-se a busca pelo amor, hoje por meio de redes sociais, como uma forma tecnológica mais ampla de almejar seu sucesso amoroso e na vida como um todo, porém, a tecnologia não significa que a pessoa será feliz e terá amor; busca-se a felicidade, porém ela é incerta (TONI JUNIOR, 2013; 2019a, b).

Da mesma forma que no “Baile dos Solteiros”, pode haver homens e mulheres que mesmo não tendo a modernidade de hoje citada pelos autores, podem alcançar a felicidade, e sua busca latente estava em voga. Muitos foram felizes sozinhos, independente de gênero, e estar sozinho pode, para cada indivíduo, ser um ponto de felicidade ou infelicidade.

A tecnologia, no decorrer dos anos, trouxe consigo novas discussões como relacionamento de pessoas do mesmo sexo e fertilização *in vitro*, porém estas tecnologias capitalistas são variáveis mutantes no jogo social, que nem sempre traz consigo a certeza de haver satisfação com a vida. A multiplicidade de opções de agora fornece ao sujeito uma perspectiva de felicidade, mas não sua certeza, e a forma de vida das pessoas de séculos anteriores foi mais feliz para determinados grupos sociais; logo, a tecnologia mais latente não proporciona mais amor, mais felicidade e tampouco maior satisfação com a vida, mas são tentativas de corpos em movimento que vêm desde o início da sociedade (TONI JUNIOR, 2013).

As pesquisas de Jardim e Moura (2017) e de Jardim (2019) trazem para o debate outras variáveis que os clássicos citados não viram, como o amor pela busca do parceiro desejado, incluindo perfis desejados e excluindo outros não atraentes. Além disso, mostram a relação de gênero, de dominação masculina ainda nos dias atuais, com mulheres mais propícias a novas experiências no amor e outras mais tradicionais, homem sensíveis e outros machistas, raça, desigualdade social, pessoas reprimidas, “dispensadas” por não serem o estereótipo da maioria ou de uma pessoa em especial, como acontece no Tinder, na busca de parceiros e as escolhas e desencontros na busca pelo amor, que pode trazer ou não a felicidade por meio de um ciclo social de busca.

## REFERÊNCIAS

- Bourdieu, P. *A dominação masculina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- Bourdieu, P. *El Baile De Los Solteros*. Editora Anagrama. Barcelona, Espanha, 2004.
- Bourdieu, P. O camponês e seu corpo. *Revista de Sociologia e Política*. ISSN 1678-9873. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/8106>. Acesso: 12. Mai. 2021.
- Bourdieu, P. *A Distinção: crítica social do julgamento*. Editora Zouk.
- ILLOUZ, E. *O amor nos tempos do capitalismo*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011
- Jardim, M; Moura, P. *Aplicativos, emoções e afeto: a construção social do mercado de aplicativos*. Revista Tomo, 2017.
- Jardim, M. Para além da fórmula do amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. *Revista Política & Sociedade - Florianópolis - Vol. 18 - Nº 43 - Set./dez. de 2019*.

- Jardim, M. A construção social do mercado de afeto: o caso das agências de casamento em contexto de consolidação dos aplicativos. *Revista Pós Ciências Sociais*. Maranhão (no prelo).
- Simmei, G. *A Filosofia do amor*. Editora Fontes, 1993.
- Toni Júnior, C. N. *Análise do IDH do Brasil, de suas regiões e de outros países: um enfoque comparativo*. 2010. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2010.
- Toni Júnior, C. N. *Análise de indicadores metodológicos de sustentabilidade socioambiental*. 2013. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 2013.
- Toni Júnior, C. N. *Geotecnologias aplicadas ao índice de felicidade da região metropolitana de São Paulo*. ISBN: 978-85-7993-818-4. Autores/Organizadores: Claudio Noel de Toni Junior e Magda Adelaide Lombardo. Pedro e João Editores. São Carlos. 2019a.
- Toni Júnior, C. N. *Análise socioambiental da região metropolitana de Ribeirão Preto: bem estar e felicidade*. ISBN: 978-85-7993-819-1. Autores/Organizadores: Claudio Noel de Toni Junior e Magda Adelaide Lombardo. Pedro e João Editores. São Carlos. 2019b.